Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3415

Ano 5, Vol X, nº 3 , pág. 220-257, Jul-Dez, 2012 (Extra).

ESTUDOS EM ALTAS HABILIDADES NO AMAZONAS

Maria Alice Becker
Helândia Feitosa Milon
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Este artigo trata sobre o tema altas habilidades/superdotação e seu desenvolvimento desde 2005 no Estado do Amazonas seguindo as orientações iniciais e as modificações introduzidas recentemente, pelo Ministério da Educação (MEC). O atendimento realizado no Núcleo de Atenção aos Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) identificados em escolas do estado e os estudos de pós-graduação em educação os quais focalizaram o potencial em outros ambientes, em especial uma pesquisa realizada em escola indígena da etnia Mura, diversificando a nossa visão do assunto.

Palavras chave: Altas Habilidades/Superdotação; Escola Indígena; Amazonas.

Abstract

The article treats about High Ability/giftedness and its development since 2005 in the Amazonas State following the initials orientations and modifications recently introduced by the Education Ministry (MEC). Attendance held at Service of Attention to High Abilities/Gifted students (NAAH/S) identified in state schools and the pos-graduation studies in education which focus the potential in other environments, specially one research held in indigenous school of the Mura ethnics, diversifying our vision about that theme.

Key words: High Abilities/Giftedness; Indigenous School; Amazonas.

Introdução

Neste artigo iremos tratar de acontecimentos atuais relativos ao tema altas habilidades,superdotação buscando mostrar como essa área está se desenvolvendo no Amazonas, bem como trazer novos aspectos que consideramos importante refletir, já que atingem crianças e jovens em diferentes situações de vida escolar como é o caso da educação indígena.

No Brasil alguns documentos oficiais escritos por especialistas e que estão disponíveis na internet, informam sobre a área das Altas Habilidades / superdotação para orientar as escolas, professores, administradores e familiares. Explicam sobre a legislação e a obrigatoriedade de atendimento

para os estudantes identificados, quais as características afetivas, cognitivas e sociais dos alunos, motivos para investir nessas pessoas, qual o papel da escola, tipos de atendimento entre outros temas.

Em um desses documentos Delou (2007, p.27) salienta que as "políticas públicas nacionais na área das altas habilidades/superdotação vêm se caracterizando pela descontinuidade e pela fragmentação de suas ações" e a nosso ver, isso está acontecendo no momento atual como veremos neste artigo. Para implantar a política de inclusão dos estudantes com maior potencial, a Secretaria de Educação Especial (SEESP), instituiu em 2005 os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S em todos os estados brasileiros. Foram as Secretarias de Educação estaduais que ficaram com a responsabilidade de equipá-los com os recursos materiais, físicos e humanos necessários para seu funcionamento. O papel de cada NAAH/S seria o de prover a rede estadual escolar com os recursos didáticos e pedagógicos, realizar a formação de professores para atender adequadamente as necessidades de alunos com potencial para altas habilidades/ superdotação em aspectos acadêmicos e sócio-emocionais (DUTRA, 2007).

No Amazonas desde então, a equipe técnica do NAAH/S a cada início de ano letivo realiza palestras em algumas escolas, para que os professores identifiquem alunos e encaminhem para avaliação e atendimento no próprio núcleo ou para recursos da comunidade como escolas de artes diversas, e que recebem a população em geral. Algumas escolas inicialmente indicaram os alunos, mas depois de alguns anos o número de estudantes encaminhados tornou-se inexpressivo, denotando um desinteresse das mesmas em relação aos seus estudantes mais capazes.

A primeira coordenação do NAAH/S do Amazonas sempre demonstrou grande empenho em sensibilizar e desenvolver o tema, se esforçando para que tanto as escolas, como a própria Secretaria de Educação e outras instituições compreendessem a importância de identificar e atender esses alunos. Em pesquisa feita em 2010 e atualização dos mesmos dados em 2012 (BECKER, 2010,2012), verificamos que o núcleo atualmente atende um pequeno grupo de estudantes em oficina de origami e que o cargo de direção do NAAH/S está

vago. Constatamos que a Secretaria Estadual de Educação do Amazonas não deu a atenção e não investiu como seria esperado, tornando efetiva a política da área e corrobora o que Andrés (2010) afirma sobre a falta de competência e implementação da política educacional proposta pelo MEC, provocando uma distancia enorme entre a realidade e a lei.

Dando continuidade à política de inclusão, o MEC em 2011 extinguiu a Secretaria de Educação Especial que passou a ser parte da recém-criada Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Essa nova Secretaria deve trabalhar com as redes de ensino acompanhando as políticas educacionais para a alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, educação do campo, educação escolar indígena, educação quilombola e educação para as relações étnico-raciais (BRASIL,MEC/SECADI, 2012). Em tese a nova e ampla Secretaria busca aproximar temas diversos para o mesmo foco de atenção de inclusão, visando à execução de políticas públicas transversais e intersetoriais, proporcionando a nosso ver aparentemente e no papel, uma maior probabilidade de interação entre as áreas.

Um documento sobre o tema das Altas Habilidades/Superdotação foi disponibilizado na internet com orientação para que os NAAH/S atuem como formadores presenciais dos professores das salas de recursos multifuncionais e que apoiem as atividades de enriquecimento curricular nas escolas que já identificaram seus estudantes com altas habilidades/superdotação. O AEE como é chamado o atendimento educacional especializado deve "complementar ou suplementar a escolarização possibilitando que os estudantes tenham atividades de enriquecimento na sua sala de aula comum como nas salas de recursos multifuncionais" (DELPRETTO E ZARDO 2010, p.22). Assim podemos prever que provavelmente levará um longo tempo até que os alunos mais capazes recebam o ensino que necessitam, pois como Barbosa et al (2007) em sua pesquisa mostraram, existe uma sub-identificação de alunos com potencial para superdotação. Além disso, os autores concluem que a falta de identificação levaria ao uso de modelos teóricos de outros países que nem sempre se revelam adequados aos problemas brasileiros.

Os desafios no Amazonas

O Amazonas sabidamente é cobiçado por sua biodiversidade de flora, fauna, recursos minerais e aquáticos, mas raramente lembrado quando se trata de investimentos no ser humano. Esquecido pela maioria dos brasileiros, o Amazonas passou a ser foco de maior interesse depois que aos olhos do mundo tornou-se um lugar estratégico para o futuro do planeta. A Região Amazônica nos últimos anos está no foco da atenção internacional, em função da sua riqueza patrimonial para a humanidade e também por sua situação de vulnerabilidade, derivada da expansão econômica e migração populacional vinda de outros estados brasileiros.

De acordo com Silva (2001, p10) "a exclusividade da soberania brasileira sobre a Amazônia sequer está demarcada fisicamente. Questões de fronteiras ficam nebulosas quando estão referidas aos direitos humanos dos índios, aos conflitos entre guerrilheiros e governos, e às operações do narcotráfico. Em relação à população indígena, historiadores e geógrafos citam que nas décadas de 60 e 70 os indigenistas se dedicaram a interromper o extermínio que vinha sendo feito e a protegê-los da invasão de seus territórios por grandes projetos de desenvolvimento econômico. E embora algumas culturas tenham sobrevivido, considera-se que o quase extermínio indígena foi uma verdadeira "catástrofe demográfica que redundou em um imenso prejuízo para as sociedades do presente" (SANTOS, NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002, p.232). Atualmente se considera somente no Amazonas a existência de sessenta e sete povos conhecidos, fora os povos que se encontram isolados dentro da floresta. A educação indígena tem sua especificidade, e algumas etnias no Amazonas participam de pesquisa junto com professores pesquisadores da universidade (BECKER, NINO E WEIGEL, 2009). Essa realidade no Amazonas induz a um maior esforço para descobrirmos pessoas com potencial para altas habilidades. Tal interesse levou a um estudo exploratório do universo social, cultural e, principalmente, educacional indígena, tendo como questões norteadoras da pesquisa investigar qual é a concepção que os professores indígenas têm sobre pessoas com potencial elevado ou talento? Quais as características de talento apresentadas por

estudantes indígenas? De que forma tais potenciais são desenvolvidos na escola? Quais seriam os talentos que mais se manifestam nos estudantes indígenas pesquisados?(MILON,2011).

Estudo em uma escola da etnia Mura

A etnia escolhida para esse estudo foi a dos Mura, por algumas razões. A primeira, por tratar-se de uma etnia cujos professores participam do Curso de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas Mura, da Universidade Federal do Amazonas. O segundo motivo fundamentou-se na localização da aldeia, que, apesar de ficar a 150 quilômetros de Manaus, teria acesso mediado por um dos professores do curso que possuía uma embarcação. Por último, pela anuência da Organização dos Professores Indígenas Mura (OPIM), na figura do presidente na época do primeiro contato, em indicar a aldeia Trincheira para a realização da pesquisa.

A pesquisa teve, então, como *objetivo geral* conhecer os talentos dos estudantes indígenas indicados pelos professores Mura e pela própria autoindicação dos estudantes, que pudesse levar à compreensão de como tais potenciais são considerados e desenvolvidos na escola da aldeia. Para inserção nesse campo de estudo, construiu-se os seguintes objetivos específicos: (a) compreender o que os professores indígenas entendem ou interpretam sobre potencial elevado ou talento; (b) identificar as características apresentadas nos estudantes indígenas talentosos indicados pelos professores ou pela autoindicação; (c) verificar de que maneira a escola tem colaborado para o desenvolvimento dos estudantes indígenas identificados como potencialmente talentosos; e (d) verificar quais os potenciais que mais se evidenciam nos estudantes Mura.

O *percurso metodológico* adotado para o entendimento dos dados da pesquisa foi a abordagem qualitativa do tipo etnográfica. De acordo com André (1995, p. 41), a pesquisa do tipo etnográfica “se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a expressão escolar diária”. A etnografia em educação pode prescindir de um tempo muito longo

de contato direto no campo da investigação, pois a maior preocupação central do pesquisador é o processo educativo (WOLCOTT, 1988, apud, ANDRE, idem, p. 28).

O *campo de estudo* deu-se na Escola Municipal Indígena Trincheira, no Município de Autazes, na margem esquerda do Lago Trincheira, no rio Preto do Pantaleão, afluente do rio Madeira, no estado do Amazonas. Os momentos de permanência no campo foram definidos com base no alcance dos objetivos da pesquisa.

A pesquisa classificou-se, quanto à metodologia, como um estudo exploratório e descritivo. Exploratório, por possibilitar ao pesquisador familiarizar-se mais com o problema a ser investigado; e descritivo, por permitir descrever as características de uma determinada população ou fenômeno (GIL, 2007).

Para que fosse possível a construção dos dados desse estudo, foram utilizados *instrumentos* como a observação participante, o diálogo intercultural mediado por algumas indagações de onde emergiram as expressões dos participantes sobre os talentos existentes na escola e o questionário com questões fechadas e abertas. Esses instrumentos permitiram o alcance dos objetivos específicos e a busca por respostas das questões norteadoras da pesquisa.

O diálogo intercultural com os participantes pautou-se de indagações que nortearam as questões da pesquisa, servindo mais como um tópico-guia do que um conjunto de perguntas padronizadas que levassem a respostas reduzidas ou que pouco contribuíssem para o diálogo. As perguntas foram um convite para que os participantes expressassem suas ideias espontaneamente, dispensado a eles o tempo que consideravam necessário à sua explanação.

A interculturalidade, a partir de uma perspectiva social, fundamenta-se no "reconhecimento do direito à diversidade e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social e tentam promover relações dialógicas e

igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes" (CANDAU, 2000, p. 56)[1].

O diálogo intercultural foi concebido, assim, como um processo interativo, dinâmico, de troca de ideias, significados, argumentos, experiências, representações sob os pontos de vista tanto dos professores quanto dos estudantes Mura em relação ao objeto da pesquisa. Uma das características da etnografia "é a preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca" (ANDRÉ, 1995, p. 29).

A *análise dos dados* desse estudo teve como pressuposto a hermenêutica diatópica de Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 2003, 2008), que expressa, em sua essência, um movimento intercultural que permite às diferentes culturas aprenderem e transmitirem valores, estilos de vida e mudanças tecnológicas, mutuamente. Para Santos (2003, p. 443), a hermenêutica diatópica acontece no diálogo intercultural, onde "a troca não é apenas entre diferentes saberes, mas também entre diferentes culturas, ou seja, entre universos de sentidos diferentes e, em grande medida, incomensuráveis". Esses diversos universos são constituídos de "topoi", ou seja, de concepções, de argumentos, de representações simbólicas que fundamentam as diversas culturas.

Como a hermenêutica diatópica se baseia na colaboração intercultural de um trabalho coletivo pelas diversas culturas, este estudo, então, buscou conhecer e aprender com os "topoi"[2] indígenas Mura, como pensavam, construíam ou davam sentido ao conceito sobre pessoas talentosas; e como desenvolviam as relações interpessoais na escola e entre a escola e a comunidade, que levasse ao desenvolvimento de potenciais.

Partindo dessa premissa, *o diálogo* foi realizado em momentos distintos. Um primeiro momento, coletivamente, com os professores Mura, e o outro,

[1] Em um trabalho mais recente, Candau (2010) situa-se na perspectiva da interculturalidade crítica, que parte da "afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias, entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados" (p. 762).

[2] São os lugares comuns retóricos mais abrangentes de determinada cultura (SANTOS, 2003, p. 443).

individualmente, com os estudantes indígenas indicados pelos os professores, com características de pessoas com potencial elevado ou talento.

Uma das indagações estabelecidas nesse estudo pautou-se, primeiramente, na incompletude de um entendimento de como os professores Mura constroem ou dão sentido ao conceito sobre pessoas potencialmente talentosas e como desenvolvem as relações interpessoais na escola e entre a comunidade, que os levassem ao desenvolvimento de potenciais. O objetivo principal da *hermenêutica diatópica* "não é conseguir a completude, e sim ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua por intermédio de um diálogo que se desenrola, por assim dizer, *com um pé em uma cultura e outro em outra*. Nisto reside o caráter diatópico" (SANTOS 2003, p. 444) [grifos nossos].

Para a *coleta dos dados* foram necessárias quatro etapas de idas ao campo, que duraram quatro meses alternados, com permanência mínima de oito e no máximo quinzes dias na aldeia. A primeira ida teve como objetivo estabelecer os primeiros contatos com os participantes da pesquisa para concessão das autorizações necessárias ao início da coleta dos dados. Foi obtida, assim, a concordância formal da Fundação Nacional do Índio, sediada no município de Autazes (FUNAI), da Organização dos Professores Indígenas Mura (OPIM) entidade representativa dos professores, que autoriza a realização de pesquisas nas escolas das aldeias e do tuxaua da aldeia Trincheira.

A primeira etapa de permanência na aldeia Trincheira, além do objetivo descrito, teve também como finalidade estabelecer contatos preliminares com os participantes da pesquisa, professores e estudantes Mura, para a explicação do trabalho que seria desenvolvido na escola e obtenção dos seus consentimentos para participação na pesquisa. Buscou-se nesse primeiro momento o estabelecimento de uma relação de confiabilidade entre os participantes e a pesquisadora, que permitisse, posteriormente, a construção dos dados da pesquisa.

O diálogo coletivo com os professores Mura aconteceu na segunda ida à escola da aldeia Trincheira. O encontro teve como meta alcançar o primeiro objetivo

específico desta pesquisa: compreender o que os professores indígenas entendem ou interpretam sobre potencial elevado ou talento, assim como conhecer um pouco da cultura Mura. Em relação a esse conhecimento, Junqueira (1991, p. 65) sinaliza que é "preciso dominar o código através do qual ela se expressa – no caso, seus costumes, regras, valores, sentimentos e propósitos – para dessa maneira ter acesso a essa modalidade original e diferente de construir a existência e compreendê-la".

Na terceira etapa de permanência na escola, os professores receberam o questionário contendo uma lista de características apresentadas por estudantes talentosos, nas áreas intelectual/acadêmica, liderança, psicomotora e artes[3]. O questionário serviu como um instrumento complementar as considerações sobre as características observadas nos estudantes por eles indicados.

Nessa etapa, também se iniciou o contato direto com os estudantes Mura. Com a permissão dos professores, foi possível a entrada em quatro salas de aula, nos turnos matutino e vespertino, para a observação participante, assim como para a aplicação do questionário com cento e vinte estudantes, do 2º ao 9º ano escolar, na faixa etária de sete a dezenove anos, que ainda frequentavam o ensino fundamental. A frequência dos estudantes no dia da aplicação do questionário variou entre 10, no mínimo, e 25, no máximo, daqueles presentes em cada sala de aula. Foram indicados pelos professores e pela autoindicação 26 estudantes dos cento e vinte que responderam ao questionário, tendo como critério de seleção aqueles que apresentaram características de pessoas talentosas, sendo 15 do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

O questionário, um inventário de interesses, de preferências e do jeito de ser dos estudantes, inspirado nas obras das seguintes autoras: Virgolim; Fleith; Neves-Pereira (1999). Guenther (2006) e Fleith (2007). Este questionário foi utilizado como um meio de aproximação do pesquisador com os estudantes, que possibilitasse a eles ficar mais à vontade ao escrever sobre si mesmo.

[3] A lista de características para observação em sala de aula baseou-se na ficha de identificação utilizada pelo Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) do Amazonas, em 2007 e 2008, com algumas adaptações feitas pela pesquisadora especialmente para este estudo.

No questionário dos estudantes havia uma lista com vinte e seis itens que deveriam ser observados quanto ao seu jeito de ser. A lista continha sentenças na qual eles deveriam marcar conforme a sua preferência, ou como eles se viam diante da situação descrita. Os itens de um a onze da lista relacionavam-se às preferências na área intelectual/acadêmica; os de doze a dezesseis na área da liderança; de dezessete a dezenove relacionam-se à área psicomotora; de vinte e dois a vinte e cinco na área artística; e o item vinte e seis tratava do interesse pelo meio ambiente. Além dessas questões foi solicitado aos estudantes para expressar, por meio de desenhos, os seus interesses.

Após a aplicação do questionário, em outro momento da terceira etapa de permanência na escola, passou-se ao diálogo com os estudantes indígenas indicados pelos professores e também aqueles que emergiram do instrumento de autoindicação. Os depoimentos dos estudantes foram gravados e, posteriormente, transcritos. Na conversa individual com os estudantes esperava-se observar, como explicam Bauer e Gaskell, (2008, p. 78), "detalhes muito mais ricos a respeito de experiências pessoais, decisões e sequência das ações, com perguntas indagadoras dirigidas a motivações, em contexto de informação detalhada sobre circunstâncias particulares da pessoa".

O diálogo intercultural proposto, a partir do contexto educacional e cultural Mura, teve como premissa o conhecimento mútuo. A intenção não foi questionar visões que pudessem demonstrar atitudes hegemônicas em tentar silenciar ou fazer juízos de valor entre o que poderia estar "certo" ou "errado" em suas manifestações sobre pessoas talentosas. O exercício da escuta mediante suas significações simbólicas, suas mensagens e o que historicamente estavam por traz das mesmas, bem como as lógicas próprias e os argumentos sobre o tema, foram fundamentais na construção dos dados do estudo.

Os *resultados da pesquisa* indicaram que os participantes demonstraram muito interesse pela temática dessa pesquisa. Essa significou uma das primeiras preocupações quando da chegada da pesquisadora à escola da aldeia. Seria esse tema interessante do ponto de vista daquela etnia? Os professores estariam dispostos a dialogar sobre um assunto por eles ainda tão pouco discutido e estudado? Essa e outras indagações foram surgindo no

momento inicial da pesquisa. O primeiro encontro para o diálogo intercultural revelou a disposição e aceitação dos professores em debater o tema em questão.

O fato do tema sobre estudantes talentosos ainda ser pouco ou totalmente desconhecido pelos professores, para esta pesquisa foi de suma importância, pois os objetivos específicos deste estudo eram justamente conhecer o que eles pensavam sobre o tema, como reconheciam os estudantes talentosos e como era desenvolvido o potencial dos estudantes na escola a partir de suas próprias percepções.

Os topoi/ideias que os professores Mura expressaram sobre pessoas talentosas mostraram que, mesmo eles não tendo formação específica sobre a temática, revelaram haver uma interação com os estudos postos na literatura e que fundamentaram teoricamente esta pesquisa.

As interações relacionavam-se ao fato de distinguirem a questão biológica e ambiental ao expressarem o conceito sobre talento. O fato dos professores entenderem que a pessoa nasce com um potencial e que o mesmo precisa de um ambiente estimulador ao seu desenvolvimento é uma questão também defendida por alguns teóricos[4] que estudaram sobre inteligência e potencial. Outra interface aconteceu em relação ao entendimento da multiplicidade do potencial humano ao considerarem, além da área acadêmica, as da liderança, da psicomotricidade e das artes.

Dados históricos revelam que há uma supremacia dada à associação do alto potencial com a área intelectual. O uso de testes de Quociente de Inteligência - QI e a inclusão de estudantes considerados muito inteligentes em programas especiais são uma prática ainda desenvolvida em muitos países, inclusive no Brasil (ALENCAR; FLEITH, 2001). Provavelmente, tal fato tenha possibilitado que nas escolas regulares a identificação de estudantes talentosos ainda seja direcionada mais para a área intelectual e acadêmica, ficando quase imperceptíveis as outras áreas.

[4] Os teóricos citados por Gama (2006) que consideram em suas definições sobre superdotação tantos fatores biológicos quanto ambientais, são: Gagné, Gardner, Renzulli, Sternberg, Tannenbaum, entre outros.

Em relação ao conceito de talento, os professores ressaltaram a importância do fator motivacional como o principal atributo a sua identificação e expresso pela satisfação que a pessoa demonstra ao realizar, abertamente, algo de seu interesse. Tal conclusão teve como indicador os próprios interesses específicos dos professores, ao falarem daquilo que consideravam que faziam muito bem.

Apesar da definição adotada pelo Brasil, a partir do conceito americano sobre superdotação, que leva em conta diferentes aspectos do desempenho ou potencial superior em estudantes com altas habilidades/superdotação, a inclusão do fator motivacional no documento da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva é recente (BRASIL, 2008). Este foi um dos fatores relevantes destacados pelos professores Mura da aldeia Trincheira.

O *segundo resultado* se refere à área acadêmica como o potencial de maior indicação pelos professores. Foram treze, entre vinte e seis, os estudantes indígenas Mura indicados que apresentaram características citadas na literatura sobre as pessoas que se destacam nesta área específica.

Esta constatação contrapõe à ideia, historicamente pejorativas, em relação aos povos indígenas, que por muitos anos viram suas expressões culturais e modos de vida ser desprezados ou ridicularizados pelos invasores. No combate ao preconceito e a tantas outras questões surgiram, desde a década de 70, os movimentos indígenas no Brasil (SILVA, 1999). Por meios desses movimentos reivindicam o direito à demarcação de suas terras, à saúde e à educação. Tem sido anos de embates, enfretamentos e discussões para fortalecimento político de suas lutas.

Uma das discussões presentes nesses movimentos tem sido o direito à educação diferenciada. Apesar do modelo escolar da sociedade envolvente ainda estar presente em muitas escolas indígenas, há a busca da sua autogestão para que esta venha atender aos interesses coletivos das diversas etnias.

No que se refere à escola da aldeia Trincheira, os professores têm buscado utilizar estratégias pedagógicas para desenvolver os potenciais dos estudantes como adaptação dos conteúdos à realidade da aldeia, ensino de

assuntos que tenham significado e façam relação aos seus modos de vida, atividades extraclasse e planejamento a partir da realidade ou dos problemas encontrados na aldeia.

Uma atitude que os professores tiveram, mesmo que intuitivamente, para a promoção do potencial acadêmico dos estudantes foi a utilização da aceleração de estudos. Essa iniciativa demonstra a sensibilidade ou a preocupação da escola com aqueles que conseguiam, em menor espaço de tempo, aprender os conteúdos propostos para a sua série.

Os estudantes indígenas com potencial acadêmico, ao expressarem o seu interesse específico nessa área, relataram que sentem a necessidade da escola promover ainda mais estratégias pedagógicas ao crescimento e ao desenvolvimento de suas aprendizagens. Uma das sugestões por eles apresentadas concentra-se na intensificação no aprendizado da leitura e o desenvolvimento da escrita, aulas mais dinâmicas e que atendam as suas necessidades e por mais conteúdos superando aqueles que já dominam.

Quanto às características apresentadas pelos estudantes indígenas com potencial acadêmico, se forem levadas em consideração àquelas indicadas por Renzulli (1997, apud VIRGOLIM, 2007) pertencentes à *superdotação acadêmica*, pode-se dizer que atendem as características citadas pelo autor.

O *terceiro resultado* refere-se às artes como a segunda maior área de interesse dos estudantes. Os professores indicaram nove estudantes com potencial artístico, principalmente, relacionadas ao desenho. Mesmo com todas as limitações presentes na escola ao ensino das artes, os estudantes demonstravam suas habilidades mediante a motivação intrínseca que os incentivavam em sua prática.

Na escola da aldeia Trincheira não há um profissional com formação específica para o ensino das artes. De acordo com a sugestão de um estudante indígena, há a necessidade do acréscimo na matriz curricular de outras aulas dessa disciplina; como também seria importante que houvesse na escola um ambiente apropriado com materiais específicos, onde os estudantes pudessem desenvolver seus talentos.

Algumas dessas questões estão presentes também em muitas escolas regulares estaduais, como municipais, onde, na maioria das vezes, as crianças e os jovens tem seus talentos cerceados, mediante um ensino pouco estimulador ao seu potencial criativo. Losada (2007, p. 125) afirma que "apenas quando a escola romper com a visão mecanicista e indutiva do conhecimento ela poderá vir a protagonizar o desenvolvimento de talentos e altas habilidades, não só no campo das artes, mas em todas as áreas".

Os estudantes Mura, independente das condições favoráveis ao desenvolvimento do ensino das artes, demonstraram o seu potencial artístico por meio de desenhos, da escultura e do canto. Destaca-se o relato de uma estudante quando expressou, por meio de um desenho, a vontade de tocar um instrumento, a ponto de desejar estar no lugar de outra pessoa ao vê-la na televisão tocando tal instrumento. Este depoimento, ao mesmo tempo em que leva a uma reflexão, causa certa indignação diante de tantos talentos que não são desenvolvidos devido à falta de condições financeiras ou de um ambiente estimulador.

Apesar de tantas dificuldades, os estudantes indígenas sonham e tentam exteriorizar seus talentos da maneira como sabem e podem. A motivação presente em cada um mantém vivo o desejo de continuar praticando aquilo que gostam de fazer. Os estudantes com características na área psicomotora e liderança foram os que tiveram o menor número de indicações, respectivamente, quatro e duas. As características apontadas na fundamentação teórica nestas áreas se aproximam também das citadas pelos professores Mura.

O *quarto resultado* diz respeito ao diálogo com os estudantes e no momento da aplicação do questionário. Pôde-se concluir que os estudantes refletiram de maneira positiva a valorização do seu potencial, quando tiveram a oportunidade de falar e demonstrar na prática seus potenciais. Puderam evidenciar, independente da indicação dos professores, seus interesses, preferências e proclamar sobre o seu jeito de ser. Os estudantes ao apresentarem seus desenhos e histórias, no questionário, mostraram como se sentiam orgulhosos de si mesmos.

Oportunizar aos estudantes esses momentos tornou-se significativo em suas vidas. Revelou que, ao perceberem que existem pessoas interessadas em conhecer seus talentos, sentiram-se úteis e valorizados. Talvez se esta simples atitude fosse mais praticada nas escolas se constituísse em um dos fatores motivadores para muitos estudantes não se evadirem ou ficarem menos entediados, diante da invisibilidade com que são tratados seus potenciais.

O *quinto resultado* está relacionado à realização da pesquisa na escola da aldeia. De acordo com o relato dos professores Mura a realização da pesquisa com estudantes talentosos foi importante para as suas práticas pedagógicas. Por meio da participação neste estudo, os professores disseram que puderam conhecer, discutir e aprender sobre o tema da pesquisa, valorizar mais os potenciais dos estudantes, repensar as suas práticas pedagógicas. Veio também acrescentar mais informações aos seus conhecimentos e à sua vida profissional. Por meio da participação no estudo tiveram também a oportunidade de poderem revelar que, mesmo em uma escola nos rincões da Amazônia, há pessoas que conseguem realizar um trabalho pedagógico voltado para o desenvolvimento dos potenciais dos estudantes indígenas.

> *A pesquisa veio contribuir e somar mais com os nossos conhecimentos. Veio incentivar a gente ter um olhar diferente em relação aos alunos, os seus comportamento, suas atitudes, [...] quando a gente aprofunda o olhar dentro da sala de aula ver outra coisa naquele aluno, que ainda não tinha percebido. A gente tenta melhorar também os nossos métodos em relação a eles, porque a gente tem um aluno com uma habilidade, mas muitas vezes não olhava pra esse lado dele* (Prof. WALCELANE, etnia Mura).
> *Como professores, a pesquisa nos ajudou sim. Ajudou a gente olhar com mais sensibilidade os alunos, mais do que a gente já tinha. Foi tanto que os indicamos, porque a gente já tinha sim um olhar sensível sobre esses alunos, mas os maiores beneficiados foram os alunos* (Prof. EMESON etnia Mura).

O *sexto resultado* leva em conta a Teoria dos Três Anéis de Renzulli (1986, apud ALENCAR; FLEITH, 2001). Utilizando-se dessa teoria, pode-se dizer que os estudantes indígenas na escola da aldeia Trincheira possuem características presentes no primeiro anel, *habilidades acima da média*, em

relação aos seus pares; no segundo anel, *envolvimento com a tarefa*, demonstrada em seus relatos e atividades práticas; e no terceiro anel, a *criatividade*, em desenvolver atividades com originalidade, muitas vezes sem as condições necessárias à sua realização.

Considerações Finais

Pensamos que as formas mais usadas para a identificação (observação de pais, professores, amigos ou auto-observação) e atendimento aos que possuem potencial para altas habilidades não devem ser dirigidas somente para os que frequentam a escola regular, mas devem ser ampliadas e repensadas tendo em vista nossa realidade brasileira que é tão diferente conforme o lugar que estamos e que recém começa a ser pesquisada e descrita. Queremos dizer que devemos buscar saber quem são nossas crianças e jovens com potencial mas que vivem na pobreza ou em comunidades distantes e sem recursos e aonde não recebem estímulos comparativamente aos que se encontram em cidades com mais recursos .

A proposta da hermenêutica diatópica na condução e análise desse estudo permitiu que culturas diferentes pudessem dialogar, levando-se em consideração a incompletude inerente a cada realidade, para se chegar a uma nova informação a partir das suas especificidades. Como a hermenêutica diatópica pressupõe o diálogo entre culturas diferentes, outras questões surgirão na busca por compreender o que ainda precisa ser pesquisado, interpretado ou dialogado interculturalmente.

Este é um campo, portanto, profícuo para novos estudos nessa área. O diálogo foi, momentaneamente, suspenso, mas espera-se que seja o recomeço de outros diálogos, a partir de outras pesquisas que queiram investigar o potencial de estudantes em diferentes culturas, principalmente, indígenas, ribeirinhos e caboclos que vivem na região Amazônica ou em outras regiões do Brasil.

Referências

ALENCAR,E.M.L.Soriano, FLEITH, D. de Souza. *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU, 2001.

ANDRÉ, M.E.D. Afonso de. *Etnografia da prática escolar.* (Série Prática Pedagógica).Campinas: Papirus, 1995.

ANDRÉS, A. *Educação de alunos superdotados/ altas habilidades. Legislação e normas nacionais. Legislação internacional*. http://bd.camara.gov.br. Brasília: 2010. Acesso em agosto 2012.

BARBOSA,A.J.Gonçalves;PEREIRA,C.E.Souza;PASSOS,C.Sertã;GONÇALVES, F.Carmo; MIRANDA, O. Barbosa; DE JESUS,T.Lene. *Identificar e desenvolver talentos: uma pesquisa com intervenção sobre as atitudes de educadores.* http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/018.htm. Acesso em agosto 2012.

BAUER, M.W. ; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.* 7 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BECKER, M.A. d'Avila. *Altas Habilidades nas escolas do extremo sul e norte do país*. Trabalho apresentado oralmente no V Encontro Nacional do CONBRASD. RJ/Niterói, 2012.

BECKER, M.A. d'Avila. *A inclusão de pessoas com potencial para altas habilidades/superdotação em Manaus e em Porto Alegre*. Relatório de pesquisa. UFAM, Manaus,2010.

BECKER, M.A. d'Avila; NINO C.G. Rojas; WEIGEL, V.A. *Pesquisa na área Sateré-Mawé:a descoberta de talentos indígenas*. Psicologia Escolar Educacional,13,1 Campinas, 2009.http://www.scielo.br

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL**.** *Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos.* Brasília: MEC/SECADI,2012**.** Acesso em agosto**.** http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816

CANDAU, V.M. (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CANDAU, V.M. As diferenças fazem diferença? Cotidiano escolar, interculturalidade e educação em direitos humanos. In: Leôncio Soares, (Org.) [et al.]. *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*,756-770 Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELOU, C.M.C. Educação do Aluno com Altas Habilidades /Superdotação: Legislação e Políticas Educacionais para a Inclusão. Em Denise de Souza Fleith (org.) *A Construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades / Superdotação.* Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 1,27-39, Brasília,2007.

DELPRETTO, B.M. de Lima; ZARDO, S. Pollom. *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar Altas Habilidades/Superdotação*. Ministério da Educação,Secretaria de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, Brasília: 2010.

DUTRA, C. *Apresentação do livro Altas Habilidades / Superdotação Encorajando Potenciais.* Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2007.

FLEITH, D.de Souza. Altas habilidades e desenvolvimento socioemocional. In: Eunice Maria Soriano Alencar; Denise de Souza Fleith. *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientações a pais e professores*. Porto Alegre: Artmed, p. 41-50, 2007.

GAMA, M.C.Sodré S. *Educação de Superdotados: teoria e prática*. São Paulo: EPU, 2006.

GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4, São Paulo: Atlas, 2007.

GUENTHER, Z. Cunha. *Desenvolver capacidades e talentos: um conceito de inclusão.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOSADA, T. O talento criativo nas artes plásticas. In: Eunice M. S.de Alencar; Denise Fleith. *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientações a pais e professores,*117-127. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MILON,H.Feitosa. *A expressão da etnia Mura sobre talentos em estudantes indígenas: um diálogo intercultural na escola*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFAM. Manaus, 2011.

JUNQUEIRA, C. *Antropologia indígena: uma introdução, história dos povos indígenas no Brasil*. São Paulo: EDUA, 1991. (Série Trilhas).

SANTOS, B.de Sousa (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.* Reinventar a Emancipação Social: Para Novos Manifestos,3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, B.de Sousa. *A gramática do tempo.* Coleção para um novo senso comum,4. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, F. J.; NOGUEIRA, A. R. B.; NOGUEIRA, R. J. B. *Historia e Geografia do Amazonas*. Manaus: Novo Tempo, 2002.

SILVA, M. C. *Amazônia Região Nação Mundo*. Coleção Polêmicas da Amazônia,3. Manaus:EDUA,2001.

SILVA, R.H. Dias. *Movimentos indígenas no Brasil e a questão educativa: relações de autonomia, escola e construção de cidadanias.* In: **XXII** Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro, 1999.

VIRGOLIM, A.M.R. *Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

VIRGOLIM, A.M.R.; FLEITH, D.de Souza; NEVES-PEREIRA, M.Souza. *Toc, Toc ...plim, plim: lidando com as emoções, brincando com o pensamento através da criatividade.* Campinas, SP: Papirus, 1999.

Recebido em 24/9/2012. Aceito em 10/10/2012.

Contato:
Maria Alice Becker, Professora da Universidade Federal do Amazonas, FAPSI.
E-mail: malicebecker4@gmail.com